Marcelo era um jovem solteiro e querido aonde morava e aonde trabalhava.

Por razões alheias à sua vontade, decidiu se mudar para outra cidade, aonde tinha alguns parentes. Nessa cidade, Marcelo conhece uma encantadora garotinha. A amizade que nasce entre os dois é tão grande e tão profunda que muita gente os confunde como pai e filha, o que deixa-o muito feliz, pois, para ele, Aline,aquela princesainha linda, meiga e angelical se tornara, realmente, sua filha.

Uma história real e fascinante sobre a mais profunda amizade já conhecida, tão profunda que transcende o próprio significado da palavra Amizade.

Dedicatória

Dedico essa obra à Deus em primeiro lugar, por ter me permitido a oportunidade de escrevê-la. Dedico especialmente à minha linda princesinha Nayne, meu pai Jeronimo, meus irmãos, sobrinhos e amigos.

Dedico tambem, de forma especial, à minha grande amiga Jeanne Christine, sua linda e cativante filha Rayssa e seu filho Hyago.

Capítulo 1

Corria o ano dois mil, aquele que muita gente achava que não aconteceria porque as profecias diziam que o mundo acabaria antes e outros acreditavam que ele acabaria justamente no primeiro dia desse ano, tanto que muita gente, assustada, se suicidou com medo da catástrofe que estaria prestes a acontecer, pois a profecia dizia que de mil passaria, mas dois mil não completaria. Por azar dos que fugiram e sorte dos que ficaram, o mundo continua como antes de completar dois mil anos da era cristã.

Nossa história começa nesse ano, mais precisamente no sétimo dia do mês de maio de 2000, dia em que começaria uma profunda mudança na vida de Marcelo, o que seria, na verdade, a mudança mais marcante de toda sua vida.

Marcelo era um jovem de 27 anos, de estatura mediana, cor branca, olhos castanhos, cabelos também castanhos e bem lisos, solteiro, que estava sem namorada, e morava em uma pequena cidade no Estado do Mato Grosso, na região centro oeste do Brasil, juntamente com seu pai Juscelino e sua irmã Dayanne. A vida nesse lugar não era das melhores, uma vez que não oferecia grandes oportunidades profissionais. O último emprego de Marcelo nessa cidade havia durado pouco mais de três anos.

Marcelo era muito querido por alguns colegas e pelos patrões, o que despertou muita inveja em outros colegas de trabalho a ponto de resolverem armar um complô para que ele fosse demitido, como se tivessem receio de que o rapaz pudesse vir a se tornar gerente do hotel e, assim, tivessem que trabalhar sob suas ordens, mesmo porque alguns desses colegas, que estavam a mais tempo no hotel, já estavam de olho na vaga, e parece que não estavam dispostos a perdê-la para alguém que chegara depois deles. Marcelo não podia

dizer com certeza, mas tinha fortes convicções de que foi demitido por causa de armações desses colegas, pois a maneira como foi convidado a se desligar do mesmo, foi um tanto quanto sem explicações que a justificasse. Devido a isso, Marcelo sentiu uma grande mágoa e, depois de pensar muito, por vários dias, e sem conseguir outro trabalho, começa a pensar seriamente em abandonar a escola, a qual ele voltara a freqüentar após vários anos sem estudar, e se mudar para Uberlândia, uma cidade bem maior no Triângulo Mineiro, região Sudeste do país, com fama de ser próspera e oferecer grandes oportunidades, onde moravam alguns parentes seus, tios e primos.

E na manhã do dia sete de maio, exatamente às nove horas, o rapaz finalmente decide ir embora de Barra do Garça, cidade onde morou por quase dez anos, para tentar a sorte numa cidade onde vivera alguns meses antes de ir para o Mato Grosso. Como estava sem telefone, foi até um aparelho público em frente sua casa e ligou para a estação rodoviária a fim de se inteirar dos horários de ônibus, preços de passagens, tempo de viagem e, aproveitando, já fez a reserva para o mesmo dia, com saída prevista para as quinze horas.

Ao chegar à rodoviária, um probleminha com o cartão de crédito quase impede a compra da passagem e, por conseqüência, a viagem. Por sorte, ainda deu tempo de ir ao banco e sacar o dinheiro para pagar a passagem.

Marcelo ainda se dirigiu a uma lanchonete, pois pretendia comprar alguma coisa para comer quando sentisse fome. Aproveitou para comprar uma revista para ler durante a viagem e também um cd para ouvir de vez em quando, já que seria uma viagem de aproximadamente doze horas.

Enquanto o ônibus não chegava, o rapaz se sentou em uma cadeira, entre uma mulher de grandes proporções horizontais e, como se contrastasse com a enorme figura,

uma linda garota, magra, mais ou menos um metro e sessenta e cinco de altura, aparentando não ter mais que vinte e cinco anos de idade.

- Que absurdo! - resmungou a mulher.

- Como? - Marcelo pensou que fosse algo que ele fizera que pudesse ter chateado a mulher.

- A segurança nessa cidade está cada vez pior.

Nesse momento, ao olhar para a TV da estação rodoviária, Marcelo percebe que ela falava de uma notícia sobre um assalto a um banco da cidade que ocorrera na madrugada daquele dia.

- Ah sim. - o rapaz quase sorriu da situação.

- Dá até medo sair e deixar a casa sem ninguém para cuidar.

- É verdade, e...

- E as pessoas que elegemos para nos proteger não fazem nada.

- Eu acho que...

- Em época de eleição é uma maravilha, mas depois...

- Na minha opinião - dessa vez foi Marcelo quem a interrompeu, um tanto irritado com a falta de educação da mulher - a culpa é de todo mundo: do governo, que pouco faz para solucionar o problema, e nossa por não cobrar como deveríamos.

Nesse momento a jovem resolve entrar na conversa.

- Eu acho que os maiores culpados somos nós, eleitores. Parece que não aprendemos nunca a votar direito.

- Concordo em parte - disse Marcelo - não pelo fato de os colocarmos no poder, pois ninguém tem escrito na testa se é um bom político ou não, mas por permitirmos que continuem lá depois de provada sua incapacidade de governar, ou melhor dizendo, depois de comprovado que eles não tem nenhuma vontade de defender de verdade os nossos direitos.

Ao notar o interesse das duas no seu raciocínio, principalmente por parte da moça, Marcelo se anima e continua:

- Sempre digo que um país é como se fosse uma empresa, aonde os eleitores são os proprietários e os candidatos à presidência e aos governos estaduais e municipais, assim como deputados e vereadores, são os profissionais que serão contratados nas eleições para trabalhar em prol dos nossos interesses. Se eles não fazem o que esperamos deles, é só os tirarmos do cargo e procurarmos quem realmente esteja interessado no progresso da nação.

- Se considerarmos o fato de que é o dinheiro dos nossos impostos que pagam o salário deles, então podemos mesmo nos considerar os patrões deles – disse a jovem.

- É exatamente disso que estou falando.

Nisso o ônibus de Marcelo encosta-se à plataforma e o rapaz, com um sorriso, comenta:

- Parece que meu ônibus chegou. Vocês pegam esse também?

A velha disse que não, pois iria para uma cidade próxima à Cuiabá.

- Eu sim - disse a jovem - até Goiânia. Qual é o número da sua poltrona?

- 13, e a sua?

- A minha é... deixa ver... 17.

- Acho que é logo atrás da minha.

Eles embarcaram, e o homem que estava ao lado de Marcelo, percebendo o interesse na conversa dos dois, gentilmente se ofereceu para trocar de lugar com a moça. Ela aceitou de bom grado e os dois o agradeceram.

- Qual é seu nome?

- Cristiane.

- Prazer, Cristiane, meu nome é Marcelo.

Os dois conversaram sobre vários assuntos até chegarem a Goiânia, capital do Estado de Goiás, onde a jovem desceria. Despediram-se e, minutos depois, o ônibus continuava sua viagem. Nisso Marcelo já estava recostado em sua poltrona enquanto cochilava, aproveitando que já era noite, uma noite um tanto quanto escura, ideal para um cochilo.



Capítulo 2

Finalmente a cidade de Uberlândia.

Era pouco mais de três horas da manhã quando Marcelo desembarcou na estação rodoviária. A fim de economizar alguma grana, Marcelo decidiu que não pegaria táxi, mas aguardaria até que o transporte coletivo começasse a funcionar para se dirigir até a casa de seus tios e primos, onde pretendia ficar um tempo até que se encaminhasse na vida.

Marcelo então se sentou em uma cadeira e aguardou até as seis da manhã, não porque o ônibus começasse a rodar nesse horário, mas porque não queria chegar muito cedo à casa dos parentes, pois não pretendia incomodar o sono deles.

Enquanto aguardava, não pôde deixar de voltar seu pensamento no tempo, se lembrando dos motivos que o fizera abandonar a cidade onde vivera por quase dez anos. Sentiu um misto de tristeza e raiva, lembrando-se de que passou bons momentos ali, apesar de tudo. A natureza fora gentil com a cidade, lhe dando de presente belas praias, montanhas que guardavam em seu cume belas cachoeiras e uma grande estátua do Cristo Redentor, parecida com a da "cidade maravilhosa", o Rio de Janeiro. Marcelo gostava de freqüentar esses locais com seus primos e amigos e outras vezes com os irmãos, ocasião em que costumavam levar comida, refrigerante e cerveja para comerem e beberem a vontade. Eram horas felizes de escaladas e mergulhos.

Mas tudo isso ficara para trás, seriam agora meras recordações que, apesar de belas e felizes, não deveriam passar de recordações, apenas preenchidas por uma ou outra viagem de visita aos parentes que ali ficara, sabe-se lá de quantos em quantos anos.

Quando Marcelo se deu conta do tempo, já eram quase

seis horas, então pegou sua bagagem e se encaminhou para o ponto de ônibus, que ficava próximo e, como já fazia cinco anos que não ia àquela cidade e o sistema de transporte coletivo havia mudado com a criação de cinco terminais, sendo um central e quatro em bairros mais distantes do centro e pelo fato de a cidade ter crescido bastante nesse período, teve que pedir algumas informações sobre como chegar até o bairro onde seus parentes moravam.

- É fácil - disse um homem de meia idade a quem Marcelo pedira informações - você vai pegar esse que está chegando aí e ir até o terminal central, lá você pega o 131 para o terminal Santa Luzia e então pega o 335 para o Aurora. Aí é só pedir informações para o trocador sobre o ponto que deve descer.

Marcelo agradeceu ao homem, sabendo que a orientação passada por ele seria de grande importância, pois o bairro para onde ia nem sequer existia na última vez em que ele esteve na cidade. Pegou o ônibus indicado e seguiu as instruções do desconhecido, até que chegou ao terminal Santa Luzia e finalmente pegou o último ônibus.

O sistema coletivo da cidade funcionava mais ou menos assim: havia o terminal central e os subterminais e os ônibus eram diferenciados por algumas cores, sendo que os que faziam as linhas terminal central - subterminais eram amarelos, os que faziam as linhas subterminais - subterminais eram vermelhos, os que faziam as linhas terminais - bairros eram verdes e finalmente os que iam de alguns bairros para o centro sem passar por terminais que eram brancos, também conhecidos como beija-flor.

- Eu preciso descer no ponto mais próximo da rua Estrela Dalva - disse Marcelo para a trocadora - você pode me dizer quando chegarmos lá?

- Claro, eu te falo assim que estivermos próximo.